

Nem toda juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes

leituras sobre a juventude teresinense na década de 1970¹

Paulo Ricardo Muniz Silva

Mestre em História do Brasil - Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Instituto Federal do Piauí (IFPI); Faculdade do Médio Parnaíba (FAMEP)

Resumo

A categoria juventude vem crescentemente entrando no campo do historiador como objeto de pesquisa nos últimos anos. O trabalho se apropria de discursos cristalizados sobre os jovens teresinenses no período. Supõe-se que tais discursos – especialmente aqueles veiculados através da grande imprensa – favoreceram tanto a conformação de imagens sociais sobre aqueles jovens quanto a fermentação de arranjos identitários. Aqui toma-se como sujeitos de análise os *hippies* em Teresina durante os anos 1970.

Palavras-chave : Discurso, juventude, hippies, Teresina.

Abstract

The youth category is increasingly entering the historian of the field as a research subject in recent years. The work appropriates crystallized discourses on the Teresina youth in the period. It is assumed that such discourse - especially those served by mainstream media - both favored conformation of social images about those young and fermentation of identity arrangements. Here is taken as analysis of subjects hippies in Teresina during the 1970's.

Keywords : Discourse, youth, hippies, Teresina.

1 Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado *Cajuína e Coca-Cola: identidades e estéticas juvenis em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, financiada pela Capes e orientada pelo Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco.

Nós éramos cabeludos, nós tomávamos banho, nós éramos acadêmicos de faculdade, o pessoal da classe média era cabeludo por opção, ninguém era hippie, ninguém vivia pedindo nada. Quem não trabalhava o pai ajudava. Nesse tempo ninguém usava drogas, mas se pensava porque éramos cabeludos. Tinha um ou outro caso isolado. O meio social que nós vivíamos também... Nós éramos respeitados na cidade como intelectuais que a gente era.

Marcos Igreja²

A sobreposição de discursos foi um dos recursos utilizados por Michel Foucault para indagar sobre as condições de existência da loucura na Idade Clássica³. Com este recurso o autor analisou os discursos construídos sobre a Loucura ao longo do tempo, os quais chegariam ao ponto de objetivá-la como uma categoria histórico-discursiva. E é no interior dessa referência conceitual que a pesquisa aqui desenvolvida se propõe a guiar-se. Ancorando-me no método da sobreposição de discursos, tentarei analisar o que era dito sobre o jovem teresinense na década de 1970, a fim de captar como o jovem era visto, e como ele mesmo se via na cidade de Teresina, no período recortado. Nas prescrições de várias instituições sociais, como a Igreja, a polícia, bem como no interior da família, o “jovem” teresinense era representado de formas diversas e muitas vezes contraditórias.

Os discursos produzidos sobre os jovens em estudo juntam-se àqueles que chamarei de auto-discurso, os quais nada mais são do que um *discurso de si*, discurso sobre si mesmo⁴. Os sujeitos em estudo se apropriavam desses discursos? De que forma? Vestiam-se com as representações que muitas vezes lhes eram impostas através dos meios de comunicação? Ou

2 IGREJA, Marcos. Depoimento concedido a Gezenilde Francisco dos Santos. Teresina, 06 fev. 2003. In: SANTOS, Gezenilde Francisco. Contestadores: revolucionários e libertários em Teresina nas décadas de 60 e 70. 2003. 244 p. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

3 FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. 7 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva S. A., Vozes, 1999.

4 Para uma leitura sobre esta temática, ver: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

mais que isso, usavam-nas e deformavam-nas, apropriando-se de diversas formas desses discursos?

Há muito tempo o discurso vem ocupando lugar de destaque em reflexões no âmbito da filosofia, da linguística, da História, bem como dentro do próprio campo, que se pretende autônomo, da “análise de discursos”. Sem me estender na análise teórica dos discursos, parto da compreensão de que os discursos se organizam e se “desorganizam”, mas buscando nova organização e coerência interna para justificar “certezas” constituídas historicamente. Portanto, quem diz o faz a partir de um lugar, para um determinado grupo e sua construção discursiva vem carregada de intenções.

Ao analisar a historicidade do discurso, observa-se a sua acomodação às diversas situações para se estabelecer como ato impositivo, ato de verdade e, quase sempre, ato de força. Daí decorre uma luta pela sua posse, pois, quem se apodera do discurso se apodera do poder e instaura relações assimétricas entre quem profere (detentor de uma “verdade”) e quem ouve (aquele que receberia e aceitaria o que fora dito). É nesse âmbito, que se podem observar, a partir da análise de fontes consultadas, muitas referências em notícias sobre discursos os mais variados sobre a juventude. Em alguns momentos forjada como perdida e alienada, baderneira; em outros engajada, politizada, consciente, e como se esses carregassem em si uma “missão”: modificadores e responsáveis pelo futuro do mundo! E esses discursos formados por vários representantes da sociedade (padres, médicos, políticos, pais, entre outros) são construídos com essa intenção, com essa intencionalidade de verdade, ou de imprimir regimes de verdades.

Michel Foucault, em *A ordem do discurso*⁵, parece levar-nos a crer que estamos submetidos a uma cela ou a uma teia invisível em que nossos movimentos são, sem percebermos, limitados. Trata-se de um texto sobre os mecanismos de controle e de poderes dissimulados na sociedade em que o discurso torna-se um dos métodos preferidos e eficazes de efetivação desse controle.

5 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Colège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

Ao longo do século XX vários foram os discursos construídos sobre a juventude, uma vez que ela tornou-se categoria largamente estudada dentro das ciências humanas e sociais, com espaço para discussões tanto acadêmicas quanto políticas, um exemplo disso são as discussões sobre as políticas públicas para a juventude, tendo a imprensa e a grande mídia lugar de destaque nessas discussões. A mídia, seja televisiva seja escrita, nos dias atuais ou em jornais e revistas dos anos 1970, davam grande destaque à juventude no que toca ao seu comportamento, usos e costumes. A preocupação relativa ao desenvolvimento desta temática dentro da historiografia brasileira tem sido cada vez mais recorrente, devido aos desdobramentos dos estudos sobre a infância, adolescência e juventude como categorias históricas.

[...] no catálogo da ANPUH de 1995, contendo a produção histórica do Brasil relativa às dissertações de mestrado e doutorado defendidas entre 1985 e 1994 junto aos 19 Programas de Pós-Graduação em História, encontramos apenas dois trabalhos sobre juventude. Esta realidade começa a mudar a partir do XXII Simpósio Nacional de História em 2003, quando às discussões sobre infância e juventude são levadas a cabo juntamente, mas as perspectivas de interlocução entre as categorias são ampliadas e atualizadas a partir do XXIV Simpósio, em 2007, sob coordenação das professoras Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura e Sílvia Fávero Arend. Em 2009, as coordenadoras buscaram abranger ainda mais as possibilidades de intervenção do Simpósio tendo em vista a centralidade que infância, adolescência e juventude apresentam no Brasil e no mundo. Assim, o Simpósio passa a se chamar: Infância, Adolescência e Juventude no Brasil: História e Historiografia.⁶

As discussões sobre juventude giram em torno de dois pontos consensuais, que seriam justamente o critério etário e o sócio-cultural. Groppo⁷ ao trabalhar a juventude como uma categoria social, afirma que as faixas etárias, reconhecidas nas sociedades modernas, sofreram várias alterações no decorrer dos dois últimos séculos.

6 REIS, Antero Maximiliano Dias dos. Juventudes no Brasil ditatorial (1964-1985): aspectos de situação e condição. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011, p. 03-04.

7 GROPPPO, Luis Antonio. Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das mulheres modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

As atuais pesquisas sobre juventude, que levam em consideração esse objeto a partir do seu viés sócio-histórico, não deixaram a questão etária de lado, mas a utilizam como ponto de partida, e não ponto de chegada, isto é, a partir de um recorte etário complementa-se com análise do componente sócio-histórico e cultural, pois, como definiu Castro⁸, “ao falarmos de juventude estamos falando de pessoas, coletividades e significados em disputa”, ou ainda Marcelo Ridenti⁹, que nos diz que juventude “envolve vários grupos e classes sociais entre as faixas etárias da adolescência e os primeiros anos da maturidade, mas sem limites precisos de idade”. É o viés sociológico utilizando-se de termos da biologia, visando até mesmo uma melhor definição de juventude, uma vez que para alguns, essa categoria seja demasiadamente generalista.

Santana, em artigo apresentado no XXVI Simpósio Nacional de História, realizado em 2011 em São Paulo, apresentou artigo intitulado “A categoria Juventude na pesquisa história: notas metodológicas” nos traz uma grande contribuição no que diz respeito aos diversos vieses em que a juventude é estudada nas diversas áreas do conhecimento. Entre as áreas de humanidades, passando pelas ciências médicas à psicologia, psicanálise, pedagogia e sociologia, essas áreas abordam a juventude a partir de um ponto específico. Santana coloca que:

As humanidades reconhecem alguns termos como designativos do período de transição entre a infância e a idade adulta. No âmbito das ciências médicas é comum o uso do termo *puberdade*, que se refere às transformações biológicas no corpo do indivíduo. O termo *adolescência* é associado com frequência ao âmbito da psicologia, psicanálise e pedagogia, tendo como referencial as mudanças na personalidade, mente ou comportamento do indivíduo. A sociologia, por sua vez, faz uso do termo *juventude* para designar as funções sociais assumidas pelos indivíduos na sociedade.¹⁰

8 CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude: Reflexões para o debate. 2006, p. 01. Disponível em: <http://www.pt.org.br/site/upload_secretarias/17-0-2006_013-51-54_texto_elisa_guarana_de_castro.doc>. Acesso em: 06/01/2007.

9 RIDENTI, Marcelo. Juventude. IN: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; MEDEIROS, Sabrina Evangelista e VIANNA, Alexander Martins. Dicionário Crítico do Pensamento da Direita: Idéias, Instituições e Personagens. Rio de Janeiro: Tempo/FAPERJ/Mauad, 2000, p. 266.

10 SANTANA, Márcio Santos de. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. Anais do

Assim como Santana fez em seu trabalho, esta pesquisa não visa discutir conceitos de juventude, muito menos propor-se a conceituá-la, mas, antes de tudo, busca fugir do anacronismo, abismo vão em que os historiadores estão sempre à beira. Para tanto se buscará analisar a juventude em Teresina na década de 70 do século XX com os significados que a mesma tinha na época em estudo, pois, como diz Santana, “a adoção de tal operação analítica permite contornar o problema da multiplicidade de significados, assim como reduzir as possibilidades de anacronismo” (Ibid, p. 04). Vale ressaltar que para este primeiro momento desta pesquisa foi eleito, como sujeito histórico ao qual darei maior visibilidade, aquele que a literatura convencionou chamar de *hippie*, por acreditar que este seja um marco identitário para a juventude dos anos 1960 e 1970, não apenas em nível local, mas em todo o mundo. E no Piauí não foi diferente, afirmação que se sustenta pela extensa quantidade de notícias publicadas nos jornais de grande circulação na capital piauiense em que trazem a figura do *hippie* como protagonista em suas matérias.

No começo dos anos 1970, pululavam, no Brasil e no mundo, uma série de ideias e formatos de pensar a respeito de uma parcela da sociedade – os jovens – e suas formas de agir. Ser *jovem*, acima de tantas outras possíveis conceituações, era estar em um lugar etário-psicológico que não lhes permitia mais ter relevadas as atitudes, ao mesmo tempo em que não lhes possibilitava ações pertinentes ao mundo adulto. O que seria, afinal, ser jovem? Para algumas visões da época, diante da insegurança que o futuro poderia causar – especialmente em termos de independência econômica e de *status* social – ser jovem era sentir medo do porvir:

Daí porque a efervescência no meio da juventude, em busca de transformações: o medo está apavorando. Medo de não ter emprego, medo de não se libertar economicamente da família. Medo de não representar alguma coisa. E por conta do medo é que à medida que a juventude vai terminando o curso superior o seu radicalismo é cada vez menor.¹¹

XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011, p. 03. Grifo do autor.

11 O MERCADO da juventude. Jornal do Piauí, Teresina, p. 10, 13 fev. 1971.

Embora tal visão se contraponha a outros olhares do período, como os presentes em Heloísa Buarque de Holanda, Zuenir Ventura, Alfredo Sirkis e outros autores, cujas memórias dão forma ao período, essa matéria dá visibilidade à maneira como, em grande parte, a juventude teresinense se enxergava e era enxergada. Exemplificadoras desse argumento é matéria publicada no Jornal do Piauí, em outubro de 1970, que se intitula “Os ideais da juventude”. Nesta matéria, de 10 de outubro de 1970, comenta-se que jovens de uns trinta a cinquenta anos antes (por volta dos anos 20 e 30 do século XX) escolhiam entre seus modelos santos, homens das ciências ou das armas; mas de acordo com uma pesquisa realizada na época, intitulada *Jovens na Europa*, mostrou-se que jovens entre treze e dezessete anos de idade tinham outros modelos a que seguiam, como é o caso de uma jovem italiana, que dizia que:

Quanto a voz gostaria de me parecer com Rita Pavone; quanto a altura, com Christine Kessler, quanto à beleza e boca, com Virna Lisi, quanto aos cabelos com Brigitte Bardot; quanto ao espírito e humos com Franchi e Engrácia, quanto à riqueza, com o xá da Pérsia.¹²

A matéria continua dizendo que essa seria uma resposta fútil, “com pouquíssimas indicações de amadurecimento, em que si dê importância à inteligência, por exemplo”¹³. Finaliza dizendo que se a mesma pesquisa fosse realizada com “jovens mais velhos”, com idade compreendida entre dezoito e vinte e dois anos, daria um resultado diferente. “Esse resultado, sem dúvida, também iria referir-se a uma ‘devoção social’ – que é o sinal positivo dos tempos que vivemos – mas com interesses mais profundos”¹⁴.

Seja qual for a atuação em que ela esteja engajada, a juventude sempre foi um ideal a se perseguir. A busca pela fonte da eterna juventude não foi deixada de lado. E nada de esperar pelo elixir da longa vida a ser fabricado por alquimistas – o material a ser utilizado é algo bem mais palpável, bem mais próximo do nosso dia-a-dia: os cosméticos. Pelo menos era

12 OS IDEAIS da juventude. Jornal do Piauí, Teresina, p. 06, 10 out. 1970.

13 Ibid.

14 OS IDEAIS da juventude. Jornal do Piauí, Teresina, p. 06, 10 out. 1970.

essa a visão corrente sobre a ideia, o que se confirma quando, no *Jornal do Piauí* de 18 de novembro de 1970, publica-se matéria intitulada “Juventude eterna”¹⁵, dizendo que “a preocupação com a conservação da juventude parece fútil, mas pensando bem não é: que adianta viver cem anos, com todos os achaques e dificuldades da idade? O bom é viver 80, nas condições físicas, digamos, dos 35...”¹⁶, já que, como diz também na própria matéria, “enquanto os sábios não descobrem um meio de eliminar a velhice, de eternizar a juventude (e olhem que os progressos nesse sentido são muitos!) o negócio é se contentar com a possibilidade de retardar a juventude”¹⁷. Seja ela física, seja ela “de espírito”, a juventude sempre atraiu a todos, e ditados populares como “bom era antigamente” nos faz remeter que no passado, quando éramos mais jovens do que somos, as coisas sempre eram melhores.

Quando abordadas discussões sobre os usos do corpo e da sexualidade, é possível pensar que, desde a década de 1960, uma série de elementos, como a minissaia e as pílulas anticoncepcionais, podem ser considerados como novos dispositivos sexuais¹⁸. Nesse sentido, passam a ser uma preocupação de instituições, tais qual a família e a Igreja, a efervescência de doenças venéreas, entre os jovens de diferentes extratos sociais:

Já houve tempo em que a incidência das doenças venéreas era grande nas prostitutas. Mas como os tempos mudaram e elas vão mais facilmente a médicos (por não terem preconceitos), além de cuidados que evitem a contaminação, a sífilis e a gonorréia estão em fase de expansão entre os jovens.

O Dr. Paulo Belfort diz que a grande repressão em termos de sexo, antes do advento da pílula, foi trocado por uma liberdade intensa, mas a desinformação sobre a vida sexual continua dando margem a subprodutos como a gestão em jovens, aumento do aborto criminoso e a própria propagação das doenças venéreas.¹⁹

15 JUVENTUDE eterna. *Jornal do Piauí*. Teresina, 18 nov. 1970, p. 03.

16 Ibid.

17 Ibid.

18 CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

19 DOENÇAS venéreas têm altos índices entre os jovens universitários. *O Estado*, Teresina, p. 03, 22 set. 1972.

Do sexo reprimido ao sexo revelado, cada vez mais recorrente seria tal questão nos discursos a respeito dos jovens. Nesse sentido, o casamento, mais outras vezes, viria aos noticiários: uma discussão sobre o matrimônio após se noticiar um casamento “hippie” que se realizou na Bahia, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, ao som de música ao estilo do *iê iê iê*. Fora um casamento de certo modo um pouco diferente do tradicional, uma vez que “os noivos (ele, baterista de um conjunto) foram vestidos a caráter: o nubente de roupa azul, sem gola, camisa amarela e lenço colorido no pescoço; a nubente, sempre um pouco mais sóbria, de véu e grinalda, para conclusões óbvias”²⁰. O padre que realizou a cerimônia “declarou que não havia nada de mais no espetáculo: tudo estava muito correto, não existindo, a propósito, nenhuma proibição da Igreja”²¹. Contudo, a matéria critica o acontecimento com tom de preocupação de que a “moda pegue”, concluindo que “o que hoje estava parecendo estranho, amanhã (santo Deus!) será a rotina nas naves sagradas...”²². A matéria finaliza mais uma vez apontando a degradação do casamento, quando afirma que:

Em matéria de casamento, o mundo está ficando cada dia que passa mais aperfeiçoado, tanto que, não faz muito tempo, noticiou a imprensa, inclusive com flagrantes fotográficos, um casamento “nudista”, com os noivos, os familiares e os padrinhos dos nubentes “convenientemente” nus, como é dos estilos dos adeptos da seita da desaparecida Luz del Fuego²³

Os jovens *hippies*, que impunham a si formas alternativas de viver, apropriaram-se dessa cerimônia e a ressignificaram a partir de suas preferências de vestir e mesmo de ouvir, como no caso das músicas do estilo *iê iê iê* serem a trilha sonora do casamento e causaram repugnância e apreensão dos defensores da cerimônia da forma tradicional. Outro caso aconteceu na Inglaterra, de um casal que não escapou às críticas ácidas do mesmo jornal na mesma matéria, quando noticiou as “fotografias, anteriormente proibidas, do repugnante

20 DEGRADAÇÃO do casamento. Jornal do Piauí. Teresina, 17 jun. 1970, p. 05.

21 Ibid.

22 Ibid.

23 Ibid.

casal de ex-‘Beatles’ John Lennon – Yoko Ono, voltaram a uma galeria de ‘artes’ de Londres, para que todos apreciassem as peripécias da noite de núpcias desse par avergonhado”²⁴. Era uma afronta à moral e aos bons costumes, defendidos pela Igreja Católica, apoiada pela sociedade civil e pela Ditadura Militar, daí podemos concluir a “perseguição” que o jovem casal de hippie passou nas páginas do jornal. Os hippies que serão, a partir dos fins dos anos 1960, protagonistas de grande parte das matérias publicadas em jornais de todo Brasil abordando seus hábitos de viver, que variam do nomadismo ao uso de tóxico.

Os discursos sobre a juventude que serão conformados no Piauí, e no nosso caso principalmente em Teresina, terão, também, não o “movimento *hippie*”, mas sim os hippies, enquanto pessoas individuais, como protagonistas de alguns deles. O uso de drogas, as músicas, o cabelo grande (no caso dos homens) e o uso da mini-saia e/ou o não uso do sutiã (no caso das mulheres) foram temas que muitas vezes estavam ligados aos *hippies*.

Dentre os mais variados discursos que se buscaram construir sobre hippies, em jornais de Teresina, consta uma matéria de junho de 1971, publicada no Jornal do Piauí, intitulado “Hippie! O que é isso?”²⁵. Mesmo o autor da matéria afirmando no início de seu texto não saber o significado da palavra, arrisca-se a definir o que ele chama de “hippismo”, ao declarar nas linhas do jornal que

O hippismo, essa “filosofia” que aí estamos a suportar, constituída de gente maluca, preguiçosa e viciada, não pode deixar nada a desejar na nossa juventude senão o desejo errante seduzindo jovens indefesas que se contagiam sob o efeito de drogas, bem como rapazolas sem formação que às vezes são jogados nas valas dos toxicômanos ou dos homossexuais.²⁶

O jovem *hippie* era visto por uma parte da sociedade de então, de acordo com análise de tais fontes, como pregador de uma filosofia que só tendia à degradação do homem de bem, da família e da moral. Mais uma vez, se imprimia nas páginas de um meio de comunicação um discurso tendencioso que visava construir uma imagem muitas vezes nefasta do *hippie* como

24 DEGRADAÇÃO do casamento. Jornal do Piauí. Teresina, 17 jun. 1970, p. 05.

25 HIPPIE! O que é isso? Jornal do Piauí. Teresina, 09 jun. 1971, p. 08.

26 Ibid.

um sujeito sem responsabilidades (o que seria ter responsabilidade?), que vivia fora dos limites da lei, e que tinham, no uso dos tóxicos e alucinógenos, formas “imorais” e “ilegais” de buscar viver a vida, de pensar o mundo e a sociedade.

Ainda na mesma matéria, o autor se mostra preocupado com o legado que os hippies poderiam deixar à sociedade, uma vez que:

Se andar sujo, despenteado, ocioso e apresentando trajes idiotas fôr por fôrça de uma filosofia que dizem pregar amor, está o nosso mundo condenado ao caos; É muito certa a afirmativa: “quem não trabalha dá trabalho aos outros”. E essa gente que nada faz, que nada diz, que deixará de real na vida prática?²⁷

Havia nos jornais, e em vários outros meios de comunicação, uma disputa que se fazia em várias frentes na formulação de discursos, imagens e representações sobre os jovens hippies. Essa disputa discursiva era reflexo da sociedade da época, onde, de um lado, vivíamos uma Ditadura Civil-Militar que se dizia defensora da moral, dos bons costumes e da religião em defesa da sociedade (uma sociedade autoritária, preconceituosa), e de outro os movimentos juvenis explodiam sob várias formas, seja internamente, seja ao redor do mundo. Fossem em barricadas dos jovens de Nanterre, em Paris, ou fossem nos festivais de música que se realizavam no Brasil, os jovens estavam tomando para si o protagonismo do protesto, seja ele político, seja ele comportamental.

Buscando contrapor a ideia que se difundia sobre os jovens hippies, uma matéria do jornal O Dia, de 18/19 de julho de 1971, trazia um texto copiado de um cartaz colado na Califórnia (EUA) onde fazia uma analogia à aparência e práticas *hippie* com a de Jesus, o Cristo. Modo de vestir, atitudes e ideais que fizeram de Jesus Cristo figura respeitada, admirada e cultuada por cristãos (e entre os que apoiavam a Ditadura e discursos anti-comunistas estava a Igreja Católica), agora fazem-no parecer um sujeito procurado pelas autoridades, cabível de repulsa e um perigo à sociedade. No cartaz, colado numa rua da cidade de São Francisco, Califórnia, encontra-se os dizeres:

27 HIPPIE! O que é isso? Jornal do Piauí. Teresina, 09 jun. 1971, p. 08.

Procurado pela Polícia: Jesus Cristo, aliás o Messias, célebre Chefe de um Movimento de Libertação Clandestino. Procurado pelos seguintes crimes: exercício ilegal da Medicina, fabricação e distribuição de viveres sem patente. Vias de fato contra os Vendilhões do Templo. Associação com criminosos conhecidos, revolucionários e prostitutas. Tem a pretensão de querer transformar os Homens em Filhos de Deus. Aspecto: Tipo “Hippie”, cabelos longos, barba, túnica, sandálias. Frequenta os bairros pobres. Não tem amigos ricos. Tomem cuidado. Esse homem é extremamente perigoso. Quer transformar os Homens e pretende liberá-los.²⁸

Como dito anteriormente, vivemos num teatro social, onde no palco se encontram atores que teatralizavam para a plateia, cuja função é convencê-los, cada um à sua maneira e usando de todos os artifícios que julgarem necessários, que estão certos naquilo que dizem. Sabem o poder que o discurso vencedor tem de transformar o que defendem em verdade. A posse do discurso vencedor é buscada a todo custo, uma vez que significa poder.

Não raro também é encontrar, nos mesmos meios de comunicação que divulgavam matérias de repúdio ao “hippismo”, uma ou outra matéria que trazia um hippie como protagonista do texto. Oportunidade de democratizar as opiniões? Dar oportunidade para que a sociedade possa ter acesso aos dois modos de ver os jovens hippies? No fim, todos têm a mesma intenção: fazer do seu o discurso vencedor, mostrando muitas vezes mais do que “eu estou certo”, e sim “o outro está errado”, já que, a identidade está sempre relacionada à ideia de alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para definir por comparação e diferença com os caracteres pelos quais me identifico.²⁹

Ouvidos pelo jornal *O Dia*, três sujeitos que se diziam hippies e que vinham de Belém do Pará a caminho da cidade de Fortaleza, deram seus pontos de vista sobre a sociedade atual, numa matéria provocativa intitulada *Hippies transitam por Teresina e dizem que cansaram de hipocrisia*.³⁰ Marcelo Sousa, paulista, 18 anos e Antônio Nunes, baiano, 20 anos,

28 JESUS um hippie. Jornal O Dia. Teresina, 18/19 jul. 1971.

29 SILVA, Tomaz (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

30 HIPPIES transitam por Teresina e dizem que cansaram de hipocrisia. Jornal O Dia. Teresina, 24/25 out. 1971.

são os companheiros de João Batista, que tornou-se o porta-voz do grupo. A conversa deu-se em frente à Estação Ferroviária de Teresina, quando os mesmos dividiam um mesmo prato no almoço. João Batista declarou “que estava cansado de tanta hipocrisia e da sociedade de consumo, razão pela qual resolveu tornar-se hippie e percorrer o Brasil, que já conhece de Norte a Sul”³¹. Os hippies que vinham de Belém tinham passado antes por Manaus. Lá foram hospedados por várias tribos de índios civilizados. João Batista é taxativo ao dizer que “são mais hospitaleiros [os índios] do que o pessoal da cidade”³². A matéria trazia ainda a palavra do hippie João Batista dando seu ponto de vista sobre o *hippismo*, mostrando que dentro desse grupo, que alguns querem taxar de homogêneo, existem variações do modo de ver e viver a filosofia do “faça amor, não faça guerra”. O jornal traz a seguinte passagem:

Para João Batista não existem hippies toxicômanos no Brasil, mas apenas grupos isolados de viciados que se infiltram nas comunidades. Ele não gosta de drogas e é a favor da filosofia “Faça o Amor”, mas “com trabalho” – disse sorrindo. “Malandro – acrescentou – não dá ponto esse negócio de sociedade. Tudo é consumo. Chega de tanta hipocrisia e preconceitos. Prefiro viver desligado de tudo, na mais completa liberdade.”³³

O *hippie* que se desenha nas linhas do jornal apresenta-se bem diferente daquele questionado e criticado anteriormente, onde o adjetivo “vagabundo” parecia vir implícito ao nome hippie. João apresenta outra visão sobre o *hippie* e o *hippismo*, uma vez que à questão do uso de tóxicos ele é bem criterioso ao dizer que estes “viciados” não faziam parte do grupo, não estavam pela filosofia à qual acreditavam, mas seriam uma espécie de intrusos. Provavelmente, para ele, seria por causa desses “grupos isolados”, que o hippie trazia em sua alcunha a fama de drogado e vagabundo. O trabalho é outro fator que se apresenta novo na fala de João. Nosso protagonista na conversa não se mostra, como muitas vezes faziam-se pensar, avesso ao trabalho. Embora critique essa “sociedade de consumo” em que vivermos,

³¹ Ibid.

³² HIPPIES transitam por Teresina e dizem que cansaram de hipocrisia. Jornal O Dia. Teresina, 24/25 out. 1971.

³³ Ibid.

cheia de hipocrisia e preconceitos, prima pelo trabalho, mas provavelmente não aquele trabalho também criticado por Marx, que teria como objetivo a mais-valia e o lucro para aqueles que exploram a mão de obra do trabalhador. Defende uma espécie de trabalho para subsistência. A matéria finaliza dizendo que “João Batista gosta de trabalhar e aonde chega vende produtos de couro por ele confeccionado, ‘para não pedir esmolas a ninguém’”.³⁴

Foi apresentada uma nova visão do *hippismo*. Uma nova imagem daquele ser, antes conceituado como vagabundo, drogado, fora, por um próprio hippie, desconstruída, e no seu lugar, proferiu-se um discurso que vinha na contramão dos discursos anteriormente mencionados, visando a construção de uma nova visão sobre os jovens hippies. Um hippie que condena o uso de drogas e que valoriza o trabalho? Era uma nova ideia, uma nova imagem que passava a disputar com as outras que existiam sobre esse ser por vezes “místico”.

Na mesma mão de João, nosso hippie que dizia estar cansado da hipocrisia da sociedade de consumo, é paradigmática a declaração de Thereza, uma garota hippie que taxava a capital do Piauí de careta. O ano? 1972! O porquê da declaração? Thereza, uma paulista de 18 anos, e mais duas amigas, uma da Bahia e outra do Paraná, haviam sido expulsas da cidade.

Teresina é uma cidade quadrada, careta. Não propriamente a cidade. Refiro-me às autoridades repressoras. Não é que fomos ameaçadas de prisão e expulsar da capital do Piauí? essa não! Percorremos os grandes centros urbanos do Brasil e nunca nos aconteceu quaisquer conflitos junto à polícia. Fomos expulsas da cidade. A autoridade detentora nos deu o prazo de 24 horas para a gente sumir de Teresina. Motivo? Maconha? Droga? Não sei o porquê. Teresina, uma cidade careta.³⁵

Essas foram as primeiras palavras à reportagem do jornal O Estado de 10 de agosto de 1972, que taxava Thereza de ter como profissão a “anti-profissão: Hippie”³⁶. Curtir o Brasil sem lenço e sem documento era o objetivo das três garotas que se encontravam em Teresina. Contudo, a aparência das garotas era já um fator que chamava a atenção, uma vez que

34 Ibid.

35 HIPPIE diz que teresinense é quadrado. Jornal O Estado. 10 ago. 1972, p. 07.

36 Ibid.

“enquanto a hippie Thereza conversava, forma um grupo de mocinha que conversam entre si, admirados da cabelos em caracóis da forasteira, principalmente da mini-blusa sem soutien”³⁷. Indagadas do porque da expulsão da cidade, Thereza, que assim como João, se coloca como a porta-voz do grupo diz que o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) havia prescrito que o grupo se separasse no Piauí, temendo, segundo a *hippie*, pela influência que as mesmas poderiam ter sobre a juventude local.

O DOPS entrou em nossa curtição! Temos instruções de nos separar no Piauí. que jeito? Agora cada uma vai curtir a sua. Depois, a gente se encontra no tempo e no espaço. Legal? Tudo isso porque, ontem à noite, a turma parou o trânsito da Praça Pedro II. A autoridade achou que a gente podia contaminar “a juventude do Piauí”. Tem nada não!³⁸

Nas palavras da garota *hippie*, se confirma o esforço pela *preservação da juventude local* pelo ato de se evitar a corrupção que os *hippies* poderiam trazer aos jovens do Piauí. *Contaminar* foi a palavra usada por Thereza, como que se essa escolha de vida fosse vista como uma patologia que se deveria evitar. Na fala da garota, observamos mais uma vez o embate entre os discursos. As autoridades repressoras, na figura do DOPS, representariam a Teresina “quadrada” do título e “careta” da fala de Thereza, que termina a entrevista enfatizando sua visão da cidade pela qual acaba de passar, provinciana e preconceituosa, mas que possuía uma turma também ligada nos ideais e na filosofia pregada pelo grupo, embora de forma pessimista, Thereza acha que ainda esteja longe o estágio da juventude à qual almeja, sendo uma juventude preparada para o mundo que se delinea mais à frente:

Viu como eu sou olhada [referência ao grupo de garotas que a olhava]? Mesmo assim tem uma turma legal em Teresina. Tem essa não, careta! Os coroaos estão errados e a juventude está despreparada para assumir as responsabilidades futuras. Tou na minha bicho! Nada mais.³⁹

37 Ibid.

38 Ibid.

39 HIPPIE diz que teresinense é quadrado. Jornal O Estado. 10 ago. 1972, p. 07.

As notícias que traziam jovens *hippies* como protagonistas eram muitas e variavam quanto ao tema que abordavam. Pode-se supor que vários dos textos jornalísticos que traziam essas pessoas em suas linhas tinham como intuito o de se produzir um discurso sobre os mesmo. Esse discurso muitas vezes era construído sem se dar ouvidos aos *hippies* diretamente ligados às notícias. Uma espécie de medo se formulava no imaginário social⁴⁰ a partir do que era ouvido ou, na maioria das vezes, lido sobre os *hippies* ou o *hippismo*, já que, uma das prescrições às “famílias de bem” é que evitassem o contato com essas pessoas, como indica Frederico Osanan Amorim Lima, quando aponta que:

Aproveitando a grande ‘onda moralizadora’ do governo, famílias conservadoras denunciavam a presença dos hippies na cidade [Teresina] e se pronunciavam contrárias às mudanças comportamentais de uma parcela significativa da juventude teresinense⁴¹.

Corroborando a afirmação acima, Paulo Henrique Vilhena Filho nos traz uma visão da cidade de Teresina em relação à possibilidade da juventude local estar sendo tocada pela filosofia *hippie*, uma vez que esses sujeitos eram vistos, na maioria, como “subversivos” e questionadores do regime então em voga no Brasil:

Em 1972, a cidade de Teresina estava sufocada. Estudantes não podiam andar nas praças públicas. Cabelos longos eram um ícone de subversão. Questionar o sistema e o regime era proibido. Alguns colaboradores desse regime denunciavam os “subversivos” aos órgãos de repressão, numa histeria nacional que ocorreu também no Rio de Janeiro, em Recife, São Paulo, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre e em todas as grandes cidades brasileiras.⁴²

40 Para uma discussão sobre a questão do “imaginário social”, ver: BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: LEACH, Edmund et alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

41 LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Curto-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2007, p. 32.

42 VILHENA FILHO, Paulo Henrique Gonçalves de. *A experiência alternativa d’O Estado Interessante no contexto da década de 70*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999, p. 50.

Esse contato nem sempre era possível ser evitado, dando-se de alguma forma, e a praça aparece, nas linhas dos jornais, sendo um dos locais por excelência onde esse contato se dava. Assim como Sudário⁴³ viu a praça como um local preferido por estudantes para que a sociedade ouvisse a voz dos seus protestos nos movimentos estudantis em Teresina de fins dos anos 1970 e durante a década de 1980 (época de estudo que a autora analisa o Movimento Estudantil local), a mesma praça, no caso a Praça Pedro II, localizada no centro de Teresina, configurar-se-á como um espaço, na concepção desenvolvida por Certeau (1994)⁴⁴, onde desenvolviam-se os contatos entre os sujeitos *hippies* e os jovens piauienses.

O jornal *O Estado*, traz uma matéria de dezembro de 1972, onde estampava em seu título que alguns hippies iriam levar moças de Teresina, embora no decorrer das linhas os rapazes envolvidos na história neguem a afirmação e o próprio redator em nenhum momento volta a usar a palavra “levar” e sim afirmava que as moças iriam fugir com os hippies que estavam de passagem por Teresina. Aliás, esse é outro ponto passível de discussão sobre o que se diziam dos jovens hippies e dos jovens teresinenses: os *hippies*, aqueles seres amedrontadores, sempre eram sujeitos de fora do Piauí e que poderiam desvirtuar a juventude local, casta, inocente, à qual era dever das autoridades, e da família, expulsar esses “estrangeiros” da cidade⁴⁵, tornando-a segura e tranquila para que a juventude local pudesse desenvolver-se sem maiores problemas.

Voltando à matéria do jornal *O Estado*, o texto dizia que quatro garotas piauienses iriam fugir com quatro hippies, sendo dois argentinos e dois brasileiros, uma vez que:

Levadas pelo desejo de aventura, quatro moças de Teresina só deixaram de acompanhar dois hippies argentinos, um mineiro e um amazonense porque a polícia foi alertada e ontem os prendeu, no momento em que as jovens e eles se encontravam para iniciar uma viagem “de curtição” pelo Brasil

43 SUDÁRIO, Ana Rosa. Falas, Imagens, Escritos e Risos: uma história e memória do Movimento Estudantil Universitário em Teresina (1979-1984). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2008, p. 108.

44 Para uma discussão sobre “lugar” e “espaço”, ver CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

45 BAUMAN, Zigmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

afora. As quatro moças pertencem, todas, à alta sociedade de Teresina, mas apenas duas foram encontradas pelos policiais, sendo encaminhadas ao Juizado de Menores.⁴⁶

O desejo de aventura, segundo a matéria, teria sido o que impulsionou as jovens teresinenses, todas elas pertencentes à elite da sociedade, como salienta o texto, a seguirem os forasteiros que estavam de passagem pela cidade, uma vez que os jornais, como dito anteriormente, pareciam imprimir aos seus leitores a idéia de que não havia *hippies* piauienses, todos eram de fora e estavam de passagem. A esse desejo de aventura somar-se-ia o desejo de “curtir” pelo Brasil a fora. Dar significação ao termo “curtir” seria tarefa de tentar colocar-se dos dois lados na tentativa de definir o sentido. Curtir poderia ser ao mesmo tempo viver (ou tentar viver) fora das leis da sociedade de consumo, tentar por em prática a filosofia do “faça amor, não faça guerra”, mas por outro lado poderia também ter o sentido de viver de forma alienada da realidade, da ordem e da moral, fora dos padrões impostos pela sociedade, prescrita “desde que o mundo é mundo” e que viver tentando estar aparte dela seria uma transgressão inadmissível. O alerta sobre a fuga fora dado por um advogado de Teresina que seria primo de uma das garotas.

Sabendo que o encontro seria na Praça Pedro II, uma guarnição da rádio-patrolha compareceu ao local, confirmou as suspeitas e prendeu os quatro. Os *hippies* afirmam que estavam de passagem por Teresina e negam que sejam aliciadores de menores (as moças têm entre 13 e 15 anos).⁴⁷

O jornal se posta como porta-voz dos *hippies* que negam tais acusações, contudo não traz as declarações dos diretamente envolvidos. O que diziam esses sujeitos que se vestiam diferente, que pensavam de modo diferente e buscavam agir de forma diferente na maioria das vezes era desacreditada devido a ligação que se faziam crer entre a filosofia pregada pelos *hippies* e uso de tóxicos. O discurso que os seguidores do *hippismo* seriam toxicólogos era apregoadado em vários jornais que traziam em suas matérias referência a prisões de *hippies* por

46 HIPPIES iam levar moças de Teresina. Jornal O Estado. Teresina, 27 out. 1972, p. 08.

47 HIPPIES iam levar moças de Teresina. Jornal O Estado. Teresina, 27 out. 1972, p. 08.

porte de drogas. A palavra “droga” também foi motivo de discussão nas páginas de jornal. Como as palavras mudam de sentido ao longo do tempo, a palavra “droga” também passou a ganhar outros significados além de medicamento.

“Droga” foi por muito tempo uma palavra usada do mesmo modo que “medicamento”, mas nestes últimos anos tem sido considerada de maneira muito desfavorável. Surgiram os viciados, os abusadores de drogas, os “dopados”, os intoxicados. Apareceram e se fundiram as drogas nocivas, os alucinógenos e outras. Passamos a distinguir as boas e as más drogas. E apareceu a confusão, a expressão “drogado” fêz sua entrada”.⁴⁸

A palavra “drogado”, que antes tinha significado único e cristalino, passou a designar àquele que fazia uso de drogas nocivas, tóxicos. “Adquiriu conotações de perigoso, reações secundárias, tráfico ilícito, narcóticos, crimes, *hippies*, revolta da *juventude* – e muitas outras coisas”⁴⁹. Explicitamente a matéria apresenta tanto o *hippie* quanto jovens “revoltados” como usuários de drogas ou, na mesma mão da ideia defendida, busca-se construir um discurso de que a droga (agora sinônimo de tóxico) poderia ocasionar condutas desvirtuantes. A palavra passa a ser usada em sentido pejorativo, tanto que, como traz ainda a matéria em suas linhas finais, “até como insulto já tem sido usada: ‘Que droga de homem!’ ‘Que droga de escola!’”⁵⁰.

Levantava-se nos jornais a bandeira anti-droga, mal esse que estava levando a juventude mundial à perdição, em matérias que abordavam tanto o que era cada droga como seus efeitos. A maconha, nos anos 1970, dividia o protagonismo dos tóxicos entre os jovens com a LSD. Em “Dúvidas sobre a maconha”⁵¹, o *Jornal do Piauí* trazia uma matéria que iniciava com o depoimento de jovens que usavam drogas. Um primeiro garoto que, incentivado a usar maconha havia passado a trabalhar para o tráfico, e outro que após usar LSD jogou-se da janela de sua casa, no sexto andar de um prédio.

48 NÃO FALE de droga, fale de medicamento. Jornal O Estado. Teresina, 28 jan. 1973, p. 06.

49 Ibid.

50 Ibid.

51 DÚVIDAS sobre a maconha. Jornal do Piauí. Teresina, 09 set.1971, p. 03.

ESTAS E MUITAS OUTRAS tragédias constam do livro “Explosão da Juventude”. Ídolos da música popular como Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison morreram, por coincidência aos 27 anos – todos destruídos pelas drogas. Começaram pela maconha. Por isso, o mundo mobiliza-se para enfrentar o repto assustador.⁵²

Em “Campeia a Maconha”⁵³, o mesmo jornal, traz a alerta em suas páginas mostrando que o número de jovens que vêm usando a maconha tem crescido dentro da cidade, cabendo, nas palavras do jornal, não apenas a campana da polícia, mas a vigilância devia começar ainda no lar. O jornal ainda traz alerta para os locais onde pode se encontrar os viciados, “lugares ermos da cidade, notadamente nas áreas da estrada da Socopo, da BR-316, rumo a Demerval Lobão, e outros pontos assim, onde casais são reunidos para o uso da desgraça branca”⁵⁴. A matéria finaliza mostrando a indignação que o Jornal exprime frente a esse problema que vem crescendo na sociedade teresinense com o uso por “jovens desapercibidos da terrível droga que é a maconha”:

O JORNAL DO PIAUÍ, que não tem desejo de participar de campanhas como registro policial, apontamento de toxicômanos e outros de caráter prejudicial à sociedade, vai, daqui por diante, se colocar em vigília diante do último problema, ficando de alerta para dar ajuda total às autoridades.⁵⁵

Este poderia ser um assunto isolado, deixando um problema que poderia ser visto como particular nas mãos apenas dos que estão diretamente ligados a eles, não fosse uma dupla visão: a de que o problema dos tóxicos pode afetar a qualquer um, visto que são mais variados possíveis os locais onde se encontram a droga, como também o uso desses tóxicos por pessoas da mídia, sendo, em grande parte dos noticiados, artistas.

As mortes recentes de ídolos da música popular norte-americana, em virtude do consumo de drogas, põe em relevo mais uma vez a gravidade deste problema. A fama dessas vítimas que se tornaram

52 Ibid.

53 CAMPEIA a maconha. Jornal do Piauí. Teresina, 09 out. 1970, p. 05.

54 Ibid.

55 Ibid.

mundialmente conhecidos através do disco e da televisão obrigou a que se pensasse nos milhares de anônimos que perecem anualmente sob o efeito de alucinógenos.⁵⁶

O problema das drogas estando atingindo principalmente os jovens resultou em vários discursos de autoridades com a finalidade de criar programas que visasse o fim do acesso ou pelo menos a diminuição ou dificuldade para que “os mais jovens caíam no triste vício dos tóxicos”, como salientou o Ministro da Saúde do Brasil, Prof. Rocha Lagoa, ao lançar uma campanha que visava não apenas prender o viciado, mas também impedir a circulação da droga. Essa campanha, em nível nacional contava ainda com a colaboração do jogador de futebol Pelé e do cantor Roberto Carlos.

Na França, o Secretário de Estado para a Juventude e Desporto propôs a pena de morte para os traficantes dessas drogas ilícitas, uma vez que o uso destas traz não apenas mal à vida em particular da pessoa, mas de todo o país⁵⁷. O Departamento de Estado Americano declarou que foram detidos numerosos jovens de seu país, no exterior, por estarem implicados em atividades ligadas com drogas proibidas. O desejo, para que se diminua o acesso de jovens, tidos nas matérias analisadas como os usuários dessas drogas, uma vez que não se fazia referências a pessoas adultas usando das mesmas, é que “além da vigilância do Departamento de Polícia, é imprescindível que se faça na imprensa, nas escolas, no rádio e televisão, corajosa e inteligente ação de propaganda, explicando os perigos que se escondem no uso dos tóxicos”.⁵⁸

O discurso veiculado à mídia sobre a ligação drogas-*hippie* ganhou destaque mais uma vez no jornal *O Estado*, no ano de 1973 quando o mesmo noticiou a prisão de dois jovens hippies na cidade de Floriano (PI), por portarem maconha. O que mais chama a atenção na matéria não é apenas a prisão dos “maconheiros”, como são chamados os jovens na matéria, mas o tratamento a eles dispensados após a prisão:

56 LUTA contra os tóxicos. Jornal do Piauí. Teresina, 17 nov. 1970, p. 03.

57 SALVE-SE a juventude. Jornal do Piauí. Teresina, 20 out. 1970, p. 05.

58 Ibid.

Conduzindo 1 quilo e 400 gramas de maconha, que adquiriram em Imperatriz, no Maranhão, os HIPPIES Leonan Ayon Ranulph Quintiliano, de 19 anos de idade, natural do Rio Grande do Sul, e Rodolph Calenda Di Tavani, de 22 anos, natural do Rio de Janeiro, foram presos pela polícia de Floriano e transferidos para Teresina. Aqui, foram entregues à DOPS para terem suas cabeças raspadas, tratamento que o delegado Astrogildo Sampaio reserva aos maconheiros.⁵⁹

Cabia então ao Departamento de Ordem Política e Social, que fora criado para manter o controle do cidadão e vigiar as manifestações políticas na ditadura pós-64 instaurado pelos militares no Brasil, a função de tomar conta dos detidos e aplicar-lhes as punições que se achavam devidas. Além do fato da “punição” aos hippies com o corte dos cabelos, chama a atenção para o fato de naquele momento, no instante em que estavam sendo detidos e que seriam punidos pela polícia, os dois jovens tomam uma atitude até o momento ainda não vista nas matérias referentes a hippies: os dois se dizem arrependidos de vida que vinham levando e garantem querer voltar à vida que tinham antes de decidirem tornar-se *hippies*: “Randolph, o mais velho, disse que cursava o terceiro ano de engenharia, deixando os estudos para percorrer o mundo, mas declarou-se arrependido e disse que pretende voltar à faculdade. Seu companheiro também manifestou arrependimento pelo modo de vida que vinha levando”.⁶⁰

59 HIPPIES presos com maconha em Floriano. Jornal O Estado. Teresina, 31 mai. 1973, p. 01. Acervo pessoal de Paulo Ricardo Muniz Silva.

60 SALVE-SE a juventude. Jornal do Piauí. Teresina, 20 out. 1970, p. 05.



Imagem ori: Hippies presos em Floriano-PI e levados ao DOPS

É no esforço de opor-se a essa maneira de se portar de alguns jovens, e diante do medo de que se espalhem cada vez mais práticas desviantes como as acima descritas, que discursos oriundos da própria juventude teresinense foram produzidos, buscando afastar para longe de si ideais de uma “falsa juventude”.

O jovem é um irrequieto. É um pensante. É um apaixonado pelas coisas da vida. É um idealista. É um líder. A juventude mora no coração das coisas da alma e do mundo. Ser jovem é participar da vida dos moços. É comungar com suas idéias. É idealizar. É produzir.

[...]

Somos jovens. Somos brasileiros. E confiamos na juventude do nosso país. Mas repelimos inexoravelmente os falsos jovens, os propaladores de falsos ideais, das filosofias vazias. Queremos e cremos na conscientização jovem dêste país imenso!⁶¹

A postura física e as vestimentas dos jovens também se apresentam, nesse momento histórico, como importantes elementos de captura social. Em outubro de 1972, o jornal teresinense *O Estado* noticia que estudantes do Grupo Escolar Governador Arlindo Nogueira teriam sido suspensas por não usarem *soutien*. A medida, tomada como absurda pelas alunas, era contraposta pelo motivo do calor causado por essa vestimenta, bem como por considerarem o *soutien* um artefato “cafona”⁶². Antes disso, nesse caso em relação aos homens, no dia 24 de agosto de 1971, o *Jornal do Piauí* tratava do assunto referente aos cabeludos. Em nota transcrita de “O Jornal”, do Rio de Janeiro, focalizava a discussão sobre o uso dos cabelos longos e o acesso desses sujeitos às escolas. A matéria fazia referência à proibição do acesso a uma escola estadual do Rio de Janeiro por sujeitos que usassem cabelos longos e/ou fossem barbudos. Fundamentados num discurso que baseava-se tanto na higienização e civilidade que estaria apregoada aos não-cabeludos, quanto à questão do protesto comportamental que vinha no bojo do uso dos cabelos grandes. O diretor da escola “proibiu a entrada de alunos cabeludos e barbudos, alegando que com seu aspecto poderiam afetar a disciplina escolar”⁶³. Mais uma vez, visando a não influência (maléfica, danosa) desses sujeitos, que pela descrição física poderiam se encaixar na fisionomia descritiva referente aos hippies buscava-se cortar uma possível ligação entre os cabeludos e o restante do aluno, num tom de que a “juventude de bem” deveria ser preservada, uma vez que “a extravagância, a aberração da conduta normal, é sinal de mau gosto, de deteriorização das marcas da civilidade”⁶⁴. O texto traz a ideia ainda de que a inclinação para o “exótico”, expresso em cabeleiras, barbas e bigodes traz em si a sugestão da contestação. Uma contestação, um protesto que, na mão do político-partidário,

61 A JUVENTUDE na comunidade. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 06, 07 abr. 1971.

62 COLÉGIO não quer alunas sem “soutien”. *O Estado*, Teresina, p. 01, 30 ago. 1972.

63 CABELUDOS. *Jornal do Piauí*. Teresina, 24 ago. 1971, p. 07.

64 CABELUDOS. *Jornal do Piauí*. Teresina, 24 ago. 1971, p. 07.

ataca pela frente do comportamento, tão a gosto de sujeitos como os cabeludos. Em nome de uma ordem decente e higiênica, tranquilizam-se pais e professores sugerindo a obrigação de que, pelo menos nos estabelecimento de ensino oficial, seja aderido “o corte de cabelo à moda dos alunos de colégios militares”, cabendo a transgressão dessa ordem a possibilidade de ficar marginalizado dos estabelecimentos de ensino.

Quando da realização de dois shows em Teresina no ano de 1972, o “rei da juventude”, Roberto Carlos, quando indagado sobre a questão do uso dos cabelos grandes, afirmou ser esse um assunto muito pessoal. Sobre um boato, que se mencionou na matéria do jornal *O Estado*, de 07 de dezembro de 1972 de que, a partir do dia 1º (de janeiro de 1973), estaria sendo proibido o uso de cabelos compridos pelos homens, Roberto Carlos disse não ser verdade, e que nem mesmo com pedidos cortaria sua cabeleira. Roberto Carlos disse que “o cabelo é um negocio muito pessoal e mesmo se recebesse pedido para cortá-lo, não o faria porque às vezes ocorrer que ‘um negócio pessoal é muito mais importante que um pedido de uma pessoa querida’”⁶⁵.

O que vemos agora é a formulação de um novo discurso sobre o mesmo tema: o cabelo, ou o seu uso, em maior tamanho por homens. O que antes era descrito como uma forma anti-higiênica, de protesto ou mesmo anti-civilizado, passa, nas palavras de uma personalidade pública, com acesso livre entre os jovens brasileiros, a ganhar outra conotação: a questão tanto estética quanto de prazer pessoal, denotando um vínculo identitário com tal elemento. Roberto Carlos diz: o cabelo é meu! Gosto dele assim e nada nem ninguém faria cortá-lo. Contudo, a ele é permitido essa contraposição aos valores sociais tradicionais, enquanto que, nas ruas das cidades grandes ou pequenas, sejam os grandes centros como o Rio de Janeiro, seja longe demais das capitais, como Teresina, o cabeludo torna-se *persona non grata* dentro da sociedade, como aquele que agride a moral ou a ordem social e torna-se uma má influência a outros jovens.

65 ROBERTO CARLOS contra a proibição de cabelos longos. Jornal O Estado. Teresina, 07 dez. 1972, p. 07.



Imagem 02: Capa do disco “Roberto Carlos”, de 1972.

O Roberto Carlos que aparece na capa de seu *long play* de 1972 não é muito diferente do jovem cabeludo preso em Floriano e que iria ter sua cabeleira raspada pelo DOPS em Teresina. O que os tornam tão diferentes para que a mesma “premissa social e policial” não seja aplicada ao rei do *iê iê iê?* Ao rei da juventude? Ambos transpõem a “ordem normal” da sociedade, contudo essa pseudo-lei atinge apenas em escala micro, isto é, sujeitos a quem pouco é dada o direito da fala, de expor seus ideais. À sua imagem são colados adjetivos, como de *hippies*, e práticas como a de usuários de tóxicos.

Essa prática também foi trazida a primeiro plano no jornal *O Dia*, dois anos antes, quando em 1971 comentava-se sobre a *Ascensão sem queda de cabelos*⁶⁶, onde abordava não apenas o uso do cabelo comprido pelos homens, como também o corte curto em mulheres. Ele traz à tona a questão da sexualidade. Havia alguma inclinação social com a escolha do corte (ou não corte) do cabelo? Estaria havendo uma *feminização* do homem ou uma *masculinização* da mulher?

Um rapaz que use cabelos longos tem problemas de ordem sexual? A maioria dos psicólogos norte-americanos que se debruçam sobre o problema acha que não. Em diferentes épocas da História, os homens quase sempre usaram vastas cabeleiras. Os cabeludos de hoje, com suas barbas e melenas, as

66 ASCENSÃO sem queda de cabelos. Jornal O Dia, Teresina, 04/05 jul. 1971.

môças de cabelos curtos ou longos, estão na verdade desfraldando bandeiras que anunciam grandes modificações sociais para o futuro.⁶⁷

Com a ideia de que a linguagem dos cabelos seria uma forma de comunicação, de fala da época, a matéria mostrava um discurso diferente sobre o uso dos cabelos longos. “Os jovens de 1971 estão de cabelos compridos não como símbolo de feminização, mas um protesto de grupo contra o *Establishment*.”⁶⁸ Isso aparece claramente no fato de que encontramos tais estilos mais predominantemente em grupos como os hippies, adolescentes ou universitários”.⁶⁹

Hippies, adolescentes e universitários seriam, segundo a matéria, os grupos por excelência onde se encontraria esse protesto por meio do corpo, mais especificamente por meio do cabelo comprido. Entretanto, a questão do tamanho do cabelo variaria dependendo de diversos fatores, como por exemplo, o tempo e/ou mesmo a cultura em que os sujeitos estejam inseridos. O cabelo grande estaria representando subversão à ordem, civilizatória ou higiênica, nos anos 1960, 1970 e 1980 no Brasil, uma vez que inseridos numa conjuntura específica de uma ditadura para além de seu caráter militar, mas que tinha amplo respaldo, em seu início, da sociedade civil e da igreja, que haviam absorvido os discursos que davam sentido pejorativo ao cabeludo, como de feminização do homem, ou mesmo caindo sobre ele alcunhas como maconheiro, vagabundo, ou *hippie*. Contudo,

Verificamos que na maioria das culturas o corte dos cabelos geralmente simboliza outros acontecimentos que nada têm a ver com identificação sexual. Uma conotação cultural constante do corte dos cabelos diz respeito aos costumes de luto de certos grupos sociais, em que o viúvo assim

67 Idem.

68 Designa uma elite social, econômica e política que exerce forte controle sobre o conjunto da sociedade, funcionando como base dos poderes estabelecidos. O termo se estende às instituições controladas pelas classes dominantes, que decidem ou cujos interesses influem fortemente sobre decisões políticas, econômicas, culturais, etc., e que portanto controlam, no seu próprio interesse e segundo suas próprias concepções, as principais organizações públicas e privadas de um país, em detrimento da maioria dos eleitores, consumidores, pequenos acionistas, etc.

69 ASCENSÃO sem queda de cabelos. Jornal O Dia, Teresina, 04/05 jul. 1971.

simboliza a morte de sua esposa. E o costume de cortar os cabelos como sinal de luto se aplica indiscriminadamente a homens e mulheres. Mas o problema do corte dos cabelos tem outra relevância além das culturas primitivas e exóticas. Nos Estados Unidos, antes da Primeira Guerra Mundial, os homens usavam longas costeletas e bigodes. A moda dos cabelos curtos é um fenômeno associado com o “corte militar” em voga durante a Guerra, estilo que foi, depois do conflito, transferido à população civil. E os cabelos curtos surgiram também para as mulheres “emancipadas” na década de 1920, junto com as saias curtas.⁷⁰

O comprimento dos cabelos também pode ser visto como produto de uma evolução relacionada com o que se chamou “conflito de gerações”, isto é, o aumento da distancia cultural entre as gerações em consequência das rápidas mudanças sociais que se vinham ocorrendo em todo mundo, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, época em que é tida como a do surgimento da juventude, ou quando este grupo ganha espaços quando o capitalismo passa a olhá-los como potenciais consumidores, passando a produzir um verdadeiro mercado para a juventude.⁷¹ Cabelos longos e barbas entre os rapazes, jeans ou roupas simples entre as garotas refletem atitudes sociais e são símbolos de identificação social. A partir da década de 1950, viveu-se um momento de expressiva ascensão jovem que tem início nos Estados Unidos, principalmente, entre a classe média e alta, período em que “a cultura juvenil tornou-se dominante nas economias de mercado desenvolvidas”⁷².

Na análise de matérias de alguns jornais em circulação em Teresina na década de 1970 podemos ver que houve a tentativa de ser colar algumas características a uma parcela da juventude teresinense da época à qual demos maior ênfase: os *hippies*. Jovens que muitas vezes saíam de suas casas, de seus estados natais, do seio de suas famílias, para andar pelo Brasil, e algumas vezes a América Latina, em busca de uma nova forma de viver devido a uma nova forma de olhar a vida, a sociedade e o mundo em geral, isto é, seguir a filosofia do hippismo.

70 ASCENSÃO sem queda de cabelos. Jornal O Dia, Teresina, 04/05 jul. 1971.

71 Na coletânea intitulada História dos Jovens (LEVI; SCHIMITTI, 1996), os autores argumentam que não foi propriamente a juventude como uma noção socialmente conhecida que “nasceu” na modernidade, mas uma determinada noção de juventude resultante da experiência juvenil burguesa.

72 HOBBSBAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991). 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 320.

A liberdade sexual, o trabalho, as relações entre as pessoas eram temas comuns do cotidiano desses sujeitos.

Contudo, esses sujeitos eram vistos como *persona non grata* na cidade pelas instâncias normatizadoras, uma vez que à sua imagem foram coladas algumas características com as quais o Estado, a Igreja e a Família não queriam que os seus jovens fossem afetados. O hippie como sujeito e o uso do cabelo grande como prática foram marcantes no período e alvo das críticas, análises e prescrições sociais das instituições antes mencionadas. Como Edwar de Alencar Castelo Branco⁷³ ratifica, “o cerco aos cabeludos, aparentemente banal, marcou decisivamente a vida das pessoas na virada dos anos sessenta para os anos setenta”.

O jovem nos era mostrado nos jornais, a partir de vários discursos formados sobre eles, como sujeitos que mereciam uma atenção especial. Esta atenção se justifica pelo crescente número de jovens *hippies* na cidade de Teresina, mesmo que estivessem apenas de passagem pela capital. A intenção era minar o contato dos nossos jovens com esses “subversivos”, normalmente vistos como sujos, vagabundos e drogados.

Por outro lado havia a construção, por parte dos jovens, de discursos que remetiam a eles mesmos. Se as instituições normatizadoras buscavam qualificar o jovem, ou melhor, determinar suas práticas, em busca de uma boa conduta social, os jovens que aparecem nas matérias dos jornais tinham uma visão distinta das que eram popularizadas nas páginas dos jornais. Buscavam assim, quando a estes eram dadas oportunidades de ter espaços nesses meios de comunicação, para além da construção de uma identidade, mas esquivar-se desses discursos muitas vezes preconceituosos. Os hippies iam muito mais além de “cabeludos”, “sujos”, “vagabundos sem trabalho”, como diziam aquelas instituições. Eram sujeitos que traziam no pensamento e no corpo a filosofia da qual acreditavam.

Podemos concluir que, entre as décadas de 1960 a 1970, houve um processo de *captura social* por meio de instituições como a família, a Igreja e o Estado na formulação de discursos que visavam à construção de imagens estabilizadas, representações, identidades juvenis, ao tempo em que se observa, concomitantemente, uma tentativa de *fuga identitária*,

73 CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 91.

uma vez que o jovem se contrapõe a esses valores sociais tradicionais e forjando-se a si mesmo, sobre sua própria perspectiva.⁷⁴

Estes jovens tinham Teresina para além de seu lar. Usavam-na e deformavam-na de acordo com seus interesses. A cidade era vivida e praticada em vários ambientes. Alguns bares destacaram-se entre os anos 1970 e 1980 como espaços de atração de uma parcela da juventude teresinense, como disse Edmar Oliveira, “os bares são as únicas coisas boas que se tem por aqui. Deixe escorrer a última gota de cerveja pra nós dois, do rum pro Durval, e da Coca-Cola pra abstinência do Galvão”⁷⁵.

As falas presentes nessa pesquisa, ao somarem-se aos discursos forjados nas páginas dos jornais, fossem os de grande circulação, fossem os que se convencionaram chamar “jornais alternativos”, evidenciaram (e evidenciam) os constantes debates em torno de práticas juvenis teresinenses nas décadas de 1970 e 1980, marcados, por um lado, por uma forte busca de captura social pelos mais diversos setores, como a Igreja, o Estado ou família, acompanhado, em contrapartida, por diversas táticas de *fuga* dessa captura, ocorrendo muitas vezes a partir das micrologias do cotidiano, de práticas ordinárias, forjadas no interior de gestos que visavam a não conformação com quaisquer normas identitárias que se buscavam vincular à juventude, no caso a teresinense.

74 Sobre captura social e fuga identitária, ver CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

75 OLIVEIRA, Edmar. Meu Amigo Paulo. O Estado. In: Suplemento Dominical Estado Interessante. Teresina, 26 de Março de 1972, nº1, p.05.